

Ocupação social: imagem do jovem de periferia na propaganda do Governo do Espírito Santo

Ocupação social: image of young people from periphery on Government of Espírito Santo propaganda

Guilherme Paulino GONÇALVES¹
Victor Reis MAZZEI²
Marilene Lemos Mattos SALLES³

Resumo

Este texto analisa a construção da figura do jovem de periferia nos discursos do VT publicitário do Ocupação Social, programa de inclusão do Governo do Espírito Santo, veiculado em 2018. A semiótica discursiva e a sociosemiótica são usadas como procedimentos teórico-metodológicos, articuladas com o conceito de territorialidades. Conclui-se que o protagonista Jefferson é apresentado como um jovem engajado com o esporte e a educação e não parece, a princípio, alguém propício à violência que o programa social promete combater. O sentido é de que este envolvimento ocorreria devido à vivência na periferia, disposta como um lugar disfórico. Há um processo assimilador, que utiliza a propaganda para pôr em circulação a identidade ideal do jovem. Em última instância, a propaganda atua na tentativa de informar e sancionar positivamente as ações sociais do governo estadual.

Palavras-chave: Propaganda. Semiótica discursiva. Audiovisual. Territorialidades.

Abstract

The Government of Espírito Santo fomenta a social inclusion program called Ocupação Social. The interest is to understand how the image of young people from periphery is built in its propaganda broadcasted in 2018. Greimas' semiotics and sociosemiotics are used as

¹ Graduado em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda no Centro Universitário Faesa.
E-mail: paulino.gui@outlook.com

² Doutorando em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo.
E-mail: victor@psicoespaco.com.br

³ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo.
E-mail: marilenne.mattos.salles@gmail.com

theoretical-methodological approach and are conjugated with the concept of territorialities. The conclusion is that Jefferson is shown as a periphery inhabitant that spend his time with sports and education and does not feature as someone that would get involved in violence, fact that the program aims to combat. The meaning though is that he could do so just for living in neighborhoods considered socially vulnerable and dysphoric. There is an assimilative process and this propaganda dictates ideal behavior to those young people. At last, the video demonstrates in a positive manner the social inclusion actions of the government.

Keywords: Propaganda. Semiotics. Audiovisual. Territorialities.

Introdução

O programa Ocupação Social é uma iniciativa de inclusão da Secretaria de Direitos Humanos do Espírito Santo (SEDH). Em curso desde 2015, seu objetivo é reduzir a violência entre os jovens moradores dos bairros do Estado considerados em situação de risco. Segundo dados apontados no portal do programa⁴, a quantidade de mortes de jovens entre 15 e 24 anos superava 50% do total de homicídios registrados no Estado. O programa oferece oportunidades de educação e empreendedorismo para que jovens possam projetar um futuro longe da criminalidade. Também são implantadas atividades culturais que, como descrito no *site* da secretaria, contribuem com o desenvolvimento socioemocional dos jovens da periferia.

A propaganda é utilizada para divulgar o programa. Em particular, o vídeo publicitário veiculado em meados de 2018 na televisão aberta e redes sociais toma espaço nesta pesquisa⁵. Com 1 minuto de duração, o vídeo apresenta a história de Jefferson Pereira, jovem morador de Cariacica. A narrativa começa com o seu pai, José Antônio, externando a preocupação com o futuro de seu filho. Este acorda cedo e se prepara para praticar esportes, diz que nunca gostou de ficar parado e credita o fato de estar na faculdade de Educação Física ao Ocupação Social. As cenas a seguir o exhibe ora correndo pelas vielas

⁴ Dados disponíveis em <<https://sedh.es.gov.br/ocupacao-social-3>>. Acesso em 26 mai. 2019.

⁵ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=v3-vA1H5ECE>>. Acesso em: 26 mai. 2019.

da comunidade, ora nos corredores da faculdade, ora em casa estudando. Simultaneamente, o narrador cita os feitos do programa, a quantidade de oportunidades oferecidas e sobre como tem ajudado jovens em situação de risco. Novamente, o pai é mostrado olhando as medalhas conquistadas pelo filho, e diz saber que ele está no caminho certo. Por fim, o narrador encerra dizendo que o programa ajuda a reduzir a violência entre os jovens e que “este é o Espírito Santo que a gente vê: cada vez mais dando certo”.

Figura 1 – Quadros do VT Ocupação Social



Fonte: YouTube da Ampla Comunicação.

O objetivo geral deste estudo é compreender como o jovem de periferia é construído nos discursos publicitários da campanha. Por meio da semiótica discursiva, são analisados os percursos verbais, visuais e sonoros do VT que figurativizam a identidade desse jovem. No enalço das relações identitárias, há o diálogo com os conceitos de territorialidades, privilegiando o aspecto cultural.

Territorialidades, identidade e cultura

Estudar a ocupação de um espaço é compreender como a humanidade vê e gerencia o mundo e seus significados. Como orienta Haesbaert (2007), “não há como definir o indivíduo, o grupo, a comunidade, a sociedade sem ao mesmo tempo inseri-los num determinado contexto geográfico, ‘territorial’” (ibid., p. 20). Na conjugação de fatores

políticos, culturais, econômicos e naturais são estabelecidas relações territoriais. Por meio de relações dinâmicas e auto construtivas, as demarcações se remodelam continuamente no processo que o autor chama de des-re-territorialização.

Gottman (2012) conceitua territórios partindo da perspectiva política. Ele o define como uma região geográfica sob controle de um Estado em certo período. Uma das responsabilidades do órgão gestor seria o centramento do território. Esta conjuntura conduz ao compartilhamento dos modos de viver e de produzir, prescrevendo o seu entendimento também como um local de abrigo e bem-estar sociopolítico de seus habitantes. Em seu interior, há conflitos entre as noções de centro e periferia, indicando a desigualdade na concentração de recursos e de poder. O autor disserta que

[..] as áreas mais pobres irão se ressentir das mais ricas, províncias que julgarem terem sido impedidas de participar na administração do poder irão se ressentir e reclamar ou participação maior no governo ou alguma forma de autonomia (GOTTMAN, 2012, p. 536).

Sobre este ponto, Haesbaert (2007, p. 92) cita a coexistência de poderes de diferentes dimensões. A unidade estadual do Espírito Santo, como exemplo de macropoder, encerra em seu interior grupos menores que se organizam no dia a dia das populações, os micropoderes. Tal fato é entendido como fruto de processos de segregação social. Assim, os grupos se organizariam “[...] em torno de ideologias e mesmo de espaços mais fechados, visando assegurar a manutenção de sua identidade cultural, último refúgio na luta por preservar um mínimo de dignidade”. Os bairros atendidos pelo Ocupação Social seguem a lógica proposta por Haesbaert (2007) e Gottman (2012): são locais com baixo desenvolvimento econômico e presença de conflitos oriundos de processos sócio-históricos.

Na perspectiva cultural, o território é visto como signo, cujo significado é apreendido por meio dos códigos culturais circunscritos (HAESBAERT, 2007). No entanto, não são as características físicas que conferem significado ao espaço, mas sim a semantização de seu uso. Por cultura, Claval (2009) a concebe como 1) o conjunto de saberes e valores praticados por um coletivo, evoluindo no espaço-tempo. É tanto individual como social, fruto dos processos comunicacionais; 2) as regras adotadas por um corpo social como manual para as ações individuais. Para ele, abordar territórios “[...] é

falar da significação do espaço para cada indivíduo e da maneira de construir objetos sociais a partir das experiências pessoais” (ibid., p. 23).

Haesbaert (2007, p. 215) comenta, também dentro do viés cultural, que qualquer ação gera sentido, uma vez que a organização social, política e econômica ocorre sobre a partilha de valores de um grupo. Inclusive, alguns dos autores levantados pelo geógrafo veem a cultura como precedente de qualquer tipo de organização. Na perspectiva de território enquanto Estado, há a concepção que ele chama de figura-imaginada, “[...] indivíduo nacional-universal capaz de se impor sobre as diversas ‘comunidades’ [...]”. Se a alocação desse sujeito imaginário reflete a existência de uma vivência mental homogeneizante, depreende-se então que a cultura também é um processo desterritorializador. Esse ponto pode ser observado principalmente na formação dos Estados-nação que, ao aglutinarem diferentes comunidades e modos de viver pré-existentes sob a égide de um governo, há a reorganização de tópicos identitários, seja pela movimentação entre grupos, seja pela implantação de um modelo a ser seguido.

A ação desterritorializadora do Estado é reforçada pelos meios de comunicação de massa. A afirmação de uma identidade comum reforça disparidades e provoca conflitos, resultado visto, *exempli gratia*, na xenofobia, no cenário global, ou na violência entre jovens da periferia, no nível microscópico — problema que o Ocupação Social se dispõe a combater.

Interessa aqui a descrição de Claval (2009, p. 25) de comunicação enquanto valor simbólico, capaz de “fazer ressoar os corações de muitas pessoas ao mesmo ritmo e dar um sentimento de identidade compartilhada”. Como agente educador, a comunicação constrói identidades por meio da experiência; enquanto significante, é um aparato da organização política. Completa também com paralelo entre o domínio dos meios de comunicação sobre a cultura que, ativo nos processos homogeneizantes, constrói o senso de Nós enquanto social.

Para um maior entendimento dos efeitos de sentidos provenientes propaganda do Ocupação Social, é imprescindível compreender o papel da comunicação como ferramenta governamental e como o processo significativo ocorre.

Propaganda: ferramenta territorializante e significante

Ao relacionarem as noções de território e de comunicação, Reis e Zanetti (2017) relatam que estas aparecem em diversos textos como um elemento técnico no arranjo do poder, cuja importância é histórica na criação dos territórios e nos juízos feitos sobre eles. Por meio da comunicação, imagens e representações são veiculadas, e o caráter simbólico do território e da identidade é reforçado.

Em relação ao caráter ideológico da mensagem, Pinho (1990) já havia comentado sobre as disputas territoriais, embora não tenha utilizado o léxico, que trafegam pela propaganda nos campos políticos, econômicos e culturais:

Vivemos em um mundo de ideologias e sistemas filosóficos em conflito, no qual coexistem inúmeras organizações que se dedicam à disseminação de suas ideias, princípios e doutrinas, sejam elas de natureza institucional, política, social, econômica ou religiosa. A esse contingente vem juntar-se as entidades governamentais em nível municipal, estadual e nacional [...] (PINHO, 1990, p. 21).

Torquato (2004) lembra que todo governo se vale da comunicação para ter voz junto à sociedade. Seu uso está para prestação de contas, fornecimento de informações e canal para que a própria sociedade apresente suas necessidades e desejos, uma vez que o coletivo social lhe delega o poder. O autor lista uma série de utilidades da comunicação política; aqui interessa a função de transmissão de valores culturais. Ela também assume atividade educadora, irradiando “[...] valores, ideias e cargas informativas que sedimentarão a bagagem de conhecimento dos receptores” (ibid., p. 123). Por fim, as instituições espetacularizam suas condutas por meio da mídia e da publicidade.

Por abarcar públicos mais amplos e menos segmentados, os meios de veiculação selecionados tendem a ser os de grande alcance, como a televisão, o que justifica a escolha da TV aberta e das redes sociais para a veiculação da propaganda do programa social foco deste estudo.

O vídeo analisado possui características que o enquadra nas classificações citadas

pelos autores: tem por anunciante uma organização governamental e reforça sua imagem enquanto instituição que promove programas inclusivos; informa a sociedade sobre práticas públicas voltadas para jovens em situação de risco; apregoa valores que considera positivos aos cidadãos; por fim, é prestação de contas das atividades da entidade governamental. Para expor os mecanismos de significação do texto audiovisual, é proposto abraçar os fundamentos da semiótica discursiva, percurso teórico-metodológico escolhido para a análise. Como teoria geral da significação, ela permite estudar separadamente os planos de expressão e conteúdo para chegar, no entendimento de Barros (1994), no que o texto diz e como faz para dizê-lo.

Metodologia de pesquisa

Diversos pesquisadores, em diferentes períodos e lugares, se dedicaram a compreender os princípios gerais que norteiam a formação do sentido. Recorta-se aqui a semiótica discursiva, cujos estudos foram liderados por pesquisadores como A. J. Greimas e Jean-Marie Floch.

Para Floch (2001), a função da semiótica é compreender os pensamentos, ações e sentimentos de um grupo em relação a linguagem que utiliza, por meio da análise estrutural que o indivíduo faz de sua experiência social. Na exposição de Barros (1994), o texto-signo é, simultaneamente, objeto de comunicação, ao estar situado entre emissor e receptor, e de significação, ao ser produzido segundo uma ordem histórica e cultural.

A análise do plano de conteúdo desenrola-se por meio do percurso gerativo de sentido. Para Fiorin (2000), o significado se revela numa sucessão de patamares, do mais abstrato ao mais concreto, interdependentes entre si. No núcleo, repousa o nível fundamental, cujo sentido se dá pela diferença entre os termos mínimos. Este esquema será a base para a construção do texto. Por exemplo, o vídeo publicitário do Ocupação Social é construído sobre a oposição entre /resgate/ *versus* /ameaça/. A seguir, no nível narrativo os termos mínimos são tomados como valores em relações de perda e ganho com os sujeitos da narrativa. No nível discursivo, as estruturas da camada anterior recebem investimentos que os tornam mais concretos: “[...] o sujeito da enunciação faz uma série de ‘escolhas’, de

pessoa, de tempo, de espaço, de figuras, e ‘conta’ ou passa a narrativa, transformando-a em discurso” (BARROS, 1994, p. 53). Como o objetivo é entender a figura do jovem de periferia no VT, este texto direciona as análises ao nível discursivo.

O discurso se apresenta como um enunciado. Como fruto de um processo de comunicação, ele é produzido por alguém, o enunciador, com o intuito de persuadir outro, o enunciatário. Na compreensão de Floch (2001, p. 26), “[...] o enunciador não é nada mais que o produtor — o diretor de cena, de certo modo — desse espetáculo que é o discurso”. No objeto da análise, o Governo do Estado ocupa a posição de enunciador, enquanto os moradores da periferia, e em última instância, a população do Espírito Santo, assumem o papel de enunciatário.

Mediante o processo de debreagem, o enunciador deixa marcas de pessoa, tempo e espaço no discurso. Na categoria de pessoa, há a oposição dos termos /eu/ e /ele/. /Aqui/ e /lá/ configuram a categoria espacial, enquanto /agora/ e /então/ se enquadram na categoria temporal. A ordenação /eu-aqui-agora/ é denominada debreagem enunciativa e seu emprego gera discursos em primeira pessoa, com sentidos de proximidade, subjetividade e familiaridade. Por vezes, campanhas publicitárias se valem da debreagem enunciativa para se aproximar do público-alvo.

Os efeitos de distanciamento, objetividade e imparcialidade advêm da combinação das categorias /ele-lá-então/ na debreagem enunciativa. Tal procedimento é comum, no contexto publicitário, quando se quer apoiar na racionalidade do consumidor. Mesmo com práticas que sugerem a imparcialidade, a enunciação lá está, infiltrando seus valores no texto (BARROS, 1994; FIORIN, 2000).

Quando o enunciador cede a palavra a um dos sujeitos já instaurado no discurso, ocorre a debreagem interna ou de segundo grau. Assim, repete-se fielmente a fala do orador por meio do discurso direto. Em textos audiovisuais, a debreagem interna mostra o próprio sujeito expressando seus pensamentos.

Os efeitos de realidade sugerem que as situações contadas de fato ocorreram. Além da debreagem interna, é usual que o efeito desponte pela ancoragem, ao anexar ao discurso elementos do mundo real conhecidos pelo enunciatário. Ao concretizá-los, reforça-se o efeito de simulacro na troca discursiva.

O nível discursivo organiza os valores fundamentais pelos procedimentos da tematização, e distribui aspectos sensoriais familiares ao enunciatário, atendendo às práticas de figurativização. Na repetição de traços figurativos e temáticos, ocorre a isotopia, que atua como um conector que guia leitura do texto, tornando-o coeso (BARROS, 1994).

A atribuição de significados também se faz presente na esfera da vivência cotidiana; a cada atitude dos indivíduos são inferidos porquês que os situam em suas ações, servindo-lhes de referência comportamentais. Afinal, o simples fato de existir cabe à significação que o ser humano, enquanto ser social, aplica ao seu universo (LANDOWSKI, 2012). A sociosemiótica consiste na aplicação da teoria-metodologia proposta pela semiótica não apenas aos textos-objetos, mas também às práticas reais que enlaçam os sujeitos na cotidianidade.

O autor compreende que a definição que cada sujeito dá a si mesmo perpassa pela imagem que outro lhe atribui e pelo sentido do conteúdo que dele o separa. Landowski (2012) se propõe a construir um modelo semiótico geral que permita enquadrar as disposições feitas das identidades sociais. Na categoria subjetividade, ele enxerga os termos /nós/ e /outros/ como termos mínimos. Na aplicação das operações do nível fundamental, chega a posições sociais possíveis: assimilação *versus* exclusão, admissão *versus* segregação.

Landowski (2012, p. 5) lembra que, primariamente, é preciso adotar um ponto de partida, ao assumir um “[...] valor antes universal aos usos locais, aos modos de viver, de agir e reagir, de sentir e de pensar [...]”. Este atua como referência para o coletivo social dominante. O sentimento de identidade é construído pelos sujeitos que o vivenciam. Com a troca de valores correntes no dia-a-dia, instaura-se no coletivo a figura do sujeito ideal para o grupo de referência. O autor usa a expressão “Homem do Mundo” para indicar este indivíduo com alto senso de adequação, que quer seguir os padrões de comportamento aceitáveis. Este conceito se aproxima da definição de figura-imaginada de Haesbaert (2007). Na vivência social, o orgulho por alguns valores, seguido pelo preconceito de outros, acaba por gerar a referência do “Nós”. Ao “Outro”, avatares são atribuídos, tal como — no linguajar chulo — o favelado, o caipira, entre outros.

Para os que vêm de fora, a primeira oportunidade oferecida pelo corpo social é a de

assimilação. Por meio desse procedimento, o grupo dominante se figura como receptivo. O Outro é bem-vindo, desde que se adapte ao Nós — e nesse processo, esqueça a si mesmo. Normalmente, não há preocupação em captar os significados do sistema de valor do Outro. Para Landowski (2012), as atitudes assimiladoras do grupo de referência são tomadas com pretensão racional. A padronização social lhe foi instruída e lhe é natural erradicar as práticas que estão fora do seu domínio.

Oposto à assimilação, há a prática de exclusão que, nessa perspectiva, é um ato passional e protecionista. Excluir é manter o grupo livre de perturbações que desestabilizem do grupo. Assimilação e exclusão são as faces da mesma moeda, descrito pelo autor como a imagem que atrela os indivíduos: seria a “padronização e gestão do ‘mesmo’, e correlativamente, triagem e eliminação do ‘outro’” (ibid., p. 10).

Quando o indivíduo não é completamente assimilado, ocorre a admissão: “[...] o Outro aparecendo decididamente diferente demais para que sua integração propriamente dita ao grupo seja imaginável” (LANDOWSKI, 2012, p. 17). Contrário à admissão, encontra-se a prática de segregação, meio termo entre a impossibilidade de assimilação e a recusa de exclusão. O indivíduo não está na prática cotidiana, nem é expulso ou aniquilado; está à margem.

Na articulação das características identitárias dos personagens do VT e suas relações de acordo com o argumento de Landowski (2012), é possível estabelecer, dentro do simulacro da propaganda, as relações territoriais, principalmente pelo viés cultural.

Resultados e discussão

Na projeção do discurso, tal qual foi levantado por Barros (1994) e Fiorin (2000), o enunciador realiza escolhas nas categorias de pessoa, de tempo e de espaço no processo de debreagem. As falas de Jefferson e do pai estão majoritariamente em debreagens enunciativas – eu, aqui, agora – gerando discursos em primeira pessoa. Na fala “Hoje eu sei que ele está no caminho certo”, é a escolha da primeira pessoa. Na locução verbal “sei que ele está”, enunciada no presente, marca a escolha do /aqui/ na categoria espacial, e o /agora/, na categoria temporal. Os sentidos gerados são de proximidade, subjetividade e

familiaridade. Em particular, há um contraste claro na temporalidade do discurso. O tempo anterior inicial é reforçado nas primeiras falas do pai e do Jefferson. A seguir, as falas dos sujeitos se intercalam entre presente e futuro. Há a conversão de um estado de incerteza para o de esperança.

Contudo, as vozes de Jefferson e pai se configuram como debreagens enunciativas de segundo grau: suas vozes são cedidas pelo sujeito observador, cujas falas são projetadas por debreagem enunciativa (ele, lá, então). Como exemplo, o trecho “O programa Ocupação Social tem ajudado muitos jovens em situação de risco a mudarem de vida” possui o /ele/ enquanto sujeito, indicando a escolha na categoria de pessoa. Já no trecho “[...] oportunidades em vinte seis bairros [...]”, está claro a escolha do /lá/ na categoria espacial: o narrador não está presente, mas observa de longe.

A delegação de vozes é um procedimento de ancoragem e é uma forma de atribuir a responsabilidade do que está sendo dito a outro. Assim, o efeito de sentido produzido é que os próprios habitantes da periferia reconhecem a necessidade de um querer prévio para a concretização das oportunidades. O programa social sabe e pode livrá-los das situações de risco; Jefferson reconhece a conquista pois se manteve ocupado pelo esporte, se esforçou em estudar e, então, foi impactado pelo programa.

O percurso visual é permeado de escolhas que reforçam o sentido de verdade. Nos primeiros segundos do VT, a frase “História real”, o lettering “Jefferson Pereira – Cariacica”, e as imagens das vielas, dos fios expostos e das casas ainda no reboco são procedimentos de ancoragem, e articulam com a fala “[...] bairros com maior índice de violência no Estado” no percurso verbal. Estas apresentações reforçam a construção do simulacro da mensagem, figurando a periferia como um lugar de risco. A figura do Jefferson exemplifica como o enunciador vê o jovem ideal da periferia: como um rapaz que usa o esporte e a educação como válvula de escape aos problemas da comunidade.

Figura 2 – Quadros do VT



Fonte: YouTube da Ampla Comunicação.

No recorte dos temas são localizados os traços que dão sentido às figuras. No percurso do pai, são lidos os temas da incerteza e da segurança. No percurso do Jefferson, o que o sustenta é a persistência, uma vez que tanto no percurso visual como no verbal ele é apresentado o tempo todo como alguém que se esforça verdadeiramente para atingir um objetivo. O incentivo que Jefferson recebe do pai configura o tema do apoio familiar. A trilha percorrida por pai e filho é conectada ao Ocupação Social pelo tema da oportunidade, que o programa diz oferecer em abundância. Por fim, o tema da recompensa transparece: Jefferson conquista o sonho do ensino superior e está “no caminho certo” para um futuro melhor.

Nas relações entre grupos dentro do VT, pela perspectiva proposta por Landowski (2012), o Ocupação Social, em última instância o Governo do Estado, é o grupo de referência, devido ao caráter positivo das ações apresentadas. O programa social, enquanto Nós, é apontado como receptivo, auxiliando na incorporação dos Outros ao seu meio. Algumas características da identidade do grupo de referência são expressas no percurso do Jefferson, já que se trata da amostra do sucesso do programa. Nesta propaganda, por meio

da figura do jovem, são ressaltados traços identitários que o enunciador considera ideais para o jovem morador da periferia.

A apresentação do resgate de Jefferson demonstra uma atitude assimiladora. Neste procedimento, o indivíduo se torna conjunto ao grupo de referência. O Governo do Estado espetaculariza sua ação integradora e afirma traços disfóricos da periferia. Como descreve Landowski (2012), há certa pretensão racional: o grupo de referência é construído como benevolente, e cumpre seu dever de melhorar as condições de vida dos jovens marginalizados. O Ocupação Social, enquanto método, é justificável. A premissa da assimilação está em proteger os modos de vida da sociedade, uma vez que por meio dela diferenças produtoras de conflito são eliminadas.

O discurso aponta que Jefferson passou do estado não-conjuntivo para o conjuntivo com o valor Oportunidade. Os Outros estariam classificados no estado de segregação. Meio termo entre exclusão e assimilação, Landowski (2012) descreve o estado como à margem. No simulacro da propaganda, a segregação se aproxima do que o semiótico descreve como a reserva aos guetos, ressaltado pelos percursos visuais em sincronia com as falas do narrador. A tática de assimilação destes jovens deixa de fora outro estrato da periferia: aqueles que já sucumbiram à violência. Estes sim em estado de exclusão, não são citados no VT, e como é pontuado no portal da SEDH, não se trata de uma iniciativa de segurança ou de recuperação social, mas sim da oferta de oportunidades de educação e empreendedorismo.

Quanto aos conceitos territoriais, partindo da concepção geopolítica de território de Gottman (2012), dentro de uma unidade territorial existem discrepâncias que resultam em desigualdades e conflitos. No VT é reconhecida a existência dos bairros periféricos como substratos dentro do território, explicitado nos percursos figurativos como um espaço com baixo desenvolvimento socioeconômico e altos índices de violência.

Se analisado sob a síntese de Haesbaert (2007) que o habitar é um princípio de identificação cultural, as periferias citadas constituem territórios. Dialogando com o autor, as periferias citadas são micropoderes no interior do Estado. Sua existência e seus efeitos sociais, na propaganda expressos como os altos índices de violência, indicam um mecanismo de segregação que gera batalhas diárias e que conduzem os indivíduos a

recolherem-se na própria comunidade. No discurso do VT, o programa Ocupação Social possui papel assimilador do macropoder — se apropriada a terminologia utilizada Landowski (2012). Haveria, *a priori*, a intenção de reduzir o estado de segregação das comunidades.

Dado que no VT é descrito um processo assimilador que objetiva introduzir ou reforçar um comportamento coletivo, infere-se que se trata de um processo des-re-territorializador. Desterritorializador porque pretende desvincular jovens como o Jefferson do seu meio, classificado como um espaço disfórico. Reterritorializador, pois simultaneamente o realoca dentro da sociedade em uma posição mais prestigiosa. Tal como cita Haesbaert (2007), é um processo de desconexão com espaços específicos e a mescla com a norma social e cultural regente.

A assimilação é uma atitude parcialmente homogeneizante. Ao integrar os moradores da periferia aos modos de viver considerados positivos pelo órgão governamental, haveria a redução das disparidades sociais. A promessa é feita àqueles que se aproximam da figura-imaginada que Jefferson representa. O papel des-re-territorializante do Estado no âmbito identitário e força a fragmentação e a reorganização das identificações na população, ao mesmo tempo que deixa de fora ou visa atender por outros meios o conjunto excluído dos propósitos do Ocupação Social.

Ao veicular os valores citados acima, o vídeo publicitário pretende, em outra escala, uniformizar as visões individuais que os habitantes do Estados possuem de si mesmos e da gestão que os administra — fazer com que os corações pulsem como um, tal qual pontua Claval (2009). A propaganda Ocupação Social seria um significante que auxilia na integração social, ao menos nos domínios de identidade/cultura sugeridos pelo enunciador-anunciante. A comunicação, em seu papel educador, idealiza o Nós. O VT possui papel ativo nos processos homogeneizantes no interior do território. Como o poder dos órgãos gestores é delegado pela sociedade (Torquato, 2004), esta propaganda é um canal de informação e uma resposta ao que tem sido feito para resolver o problema da violência entre jovens da periferia e sanciona as ações do órgão gestor positivamente, justificando sua posição de poder.

Considerações finais

A importância deste estudo está na compreensão da comunicação como agente de transformação social. A comunicação governamental é um vetor que influencia como o público vê a si mesmo e ao seu emissor, se considerado seu valor como artefato significativo. Como interface de um programa social, a propaganda descreve grupos periféricos e põe em circulação valores identitários a serem assumidos pela população. Na narrativa do VT, simula as práticas de assimilação promovidas pelo enunciador. Neste processo, justifica as ações do Estado e reafirma relações de poder nas esferas políticas e culturais.

O objetivo geral afixado foi o de compreender como o jovem de periferia é construído nos discursos da campanha. O percurso de Jefferson, jovem morador de uma comunidade periférica de Cariacica, é o de alguém já dotado de competências que o ajudariam na busca de um futuro melhor. No início da narrativa, ele já é apresentado como alguém que nunca gostou de “ficar parado”, como ele mesmo diz, e é figurado o tempo todo como alguém que ocupa seu tempo constantemente com atividades físicas e com o estudo. Jefferson sempre foi, no simulacro da propaganda, incentivado pelo pai, cujo percurso também é o da busca da oportunidade. Ambos são moradores da periferia, que no entrelaçamento dos percursos visuais e verbais é lido como um lugar de risco, e Jefferson, por morar ali e mesmo não aparentando ser alguém que iria trilhar o caminho da criminalidade, está sujeito a sucumbir à violência. Os dois são auxiliados pelo Ocupação Social, que lhes oferecem o saber e o poder para alcançar seus objetivos.

Construído no formato de depoimento, o discurso do VT é recheado de procedimentos que tem por finalidade produzir efeitos de verdade. São levantados os temas das disparidades sociais, do apoio familiar e da persistência e do resgate promovido pela gestão estadual, por meio das oportunidades oferecidas.

No simulacro da propaganda, identifica-se formações territoriais em torno da identidade de grupos sociais. Há a apresentação da periferia como um estrato territorial, e Jefferson seria um exemplo de sucesso da assimilação proposta pelo programa que, em

última instância, visa condensar os microterritórios existentes no interior do Estado. Para tal, na propaganda é estabelecido pelo percurso do Jefferson o modelo ideal, ou a figura-imaginada, a ser seguido por outros jovens na periferia. Ao se valer da propaganda, há a intenção de homogeneizar os modos de ser da periferia, tornando-os conjuntos ao do Estado ideal e, com isso, disjuntar os valores que considera disfóricos, no VT identificados como a violência. A uniformização acontece por meio dos tópicos identitários, uma vez que intencionam alterar como um grupo organiza sua experiência no espaço. Ao fazê-lo, emite juízos de valor sobre o que é a periferia. Sob o discurso da assimilação da narrativa, revela-se a prática da segregação e, mais a fundo, da exclusão: há o sentido que o resgate se reserva aos jovens que partilham dos valores do enunciador, postos em circulação pela publicidade.

O pensamento que, por ora, permeia, é que o sucesso afirmado pelo Ocupação Social seria melhor representado ao eleger um jovem completamente disjuncto dos mesmos valores do enunciador. Jefferson não parece, a princípio, um jovem propício à violência que o programa social promete combater. O sentido é de que este envolvimento acontece devido ao lugar que ele mora.

Outras teorias poderiam ter sido utilizadas para o enriquecimento deste trabalho; ficam, contudo, como uma lacuna de pesquisa a ser explorada posteriormente. Seguir o mesmo procedimento na análise do VT veiculado na campanha de 2016 do mesmo programa social, ou ainda de outros programas como o Escola Viva permitiriam uma melhor visualização de como o governo vê e age em relação aos jovens considerados em situação de risco.

Referências

AMPLA. **Secom ocupação social 2018**. 2018. (1 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=v3-vA1H5ECE>>. Acesso em: 26 mai. 2019.

BARROS, D. L. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Ática, 1994.

CLAVAL, P. A volta do cultural na geografia. In: **Mercator**, Fortaleza, v. 1, n. 1, jan. 2009. Disponível em: <<http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/192>>. Acesso em:

19 ago. 2018.

FIORIN, J. L. **Elementos da análise do discurso**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

FLOCH, J. M. **Alguns conceitos fundamentais em Semiótica geral**. São Paulo: Centro de Pesquisas Sociosemióticas, 2001.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialização**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

GOTTMANN, J. **A evolução do conceito de território**. Boletim Campineiro de Geografia, v. 2, n. 3, p. 523-544, 2012. Disponível em: <<http://agbcampinas.com.br/bcg/index.php/boletim-campineiro/article/view/86>>. Acesso em: 13 mai. 2018.

LANDOWSKI, E. **Presenças do outro**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

SECRETARIA DE ESTADO DE DIREITOS HUMANOS. **Ocupação social**. Governo do Estado do Espírito Santo. Disponível em <<https://sedh.es.gov.br/ocupacao-social-3>>. Acesso em: 26 mai. 2019.

PINHO, J. B. **Propaganda institucional: usos e funções da propaganda em relações públicas**. São Paulo: Summus, 1990.

REIS, R.; ZANNETI, D. **Comunicação e territorialidades: em torno do poder e da cultura**. In: REIS, R.; ZANNETI, D (Orgs.). **Comunicação e Territorialidades: poder e cultura, redes midiáticas**. Vitória: EDUFES, 2017.

TORQUATO, G. **Tratado de comunicação organizacional e política**. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2004.